

# Da impossibilidade do Método<sup>1</sup>

Juremir Machado da Silva - PUC/RS

## RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão a respeito das tentações a que está submetido o pesquisador na elaboração do conhecimento. Por um lado, o método positivista é problematizado como um porto seguro que ancora certezas, tranqüilidade, equilíbrio e protege o conhecimento da ilusão. A segurança desse método gera imobilidade e intolerância no campo de produção intelectual. Por outro lado, a complexidade é vista como um método que se alimenta das incertezas, lança-se a percursos diversos; integra, costura, mistura, amplia e compreende o mundo, os fenômenos, a vida. Em síntese, trata de reconhecer a existência e o valor de um método que requer do pesquisador um fazer poético que interroga, problematiza, confere, mas também inventa e cria.

Palavras-chave: Método - Complexidade - Incerteza

## RÉSUMÉ

Cet article présente une réflexion à propos des tentations auxquelles un chercheur peut être soumis au cours de l'élaboration de la connaissance. D'un côté, la problématique de la méthode positiviste est considérée comme un lieu sûr qui ancre les certitudes, la tranquillité, l'équilibre et protège la connaissance de l'illusion. La sécurité de cette méthode engendre l'immobilité et l'intolérance dans le champ de la production intellectuelle. De l'autre côté, la complexité est vue comme une méthode qui se nourrit des incertitudes, se lançant sur des parcours divers, et qui intègre, relie, mélange, amplifie et comprend le

monde, les phénomènes, la vie. Synthétiquement, il s'agit de reconnaître l'existence et la valeur d'une méthode qui demande du chercheur un faire poétique qui interroge, élabore une problématique et la confère, mais aussi qui invente et crée.

Mots clés: Méthode - Complexité - Incertitude

A navegação dos cientistas nas sempre estranhas terras e nos sempre tenebrosos mares do (des)conhecimento tem levado muitos solitários pesquisadores a sonhar com o solo firme, com o território enfim conquistado da certeza e da garantia de que os ventos não soprarão mais no sentido da tragédia e da perdição. Essa vontade de solidez tem um nome: positivismo. Trata-se da maior tentação no caminho do investigador. Através dos tempos, açoitados pelos erros e pelas incertezas, os homens de ciência têm buscado abrigo em falsas proteções.

O conhecimento nunca escapa totalmente à ilusão. A racionalidade, matriz da sabedoria científica, pode ser deturpada pelo racionalismo, efeito perverso da razão erigida em critério supremo e único da verdade. A ilusão, portanto, é como uma música sedutora que permeia a caminhada da razão. Quanto mais se imagina estar perto da clareza, mais o obscurantismo se acerca.

A grande ilusão, porém, consiste em pensar que só há luz na razão e em relegar ao obscurantismo tudo que é mito, imaginário, fábula, saber empírico, intuição, construção cotidiana do saber. Há

1. Este texto foi produzido com o apoio do CNPq e faz parte da pesquisa em desenvolvimento "Rede de idéias: tecnologias do imaginário e comunicação".

método na gestação milenar do conhecimento comum. Há sistematização na geração fantástica das artes e técnicas que permitem fazer de cada dia uma obra de sobrevivência, de vida e de humanização.

O positivismo é uma sereia cujo canto se diversifica e moderniza para surgir novamente onde já se esperava que estivesse extinto. Canto de mil vozes, de mil faces, de mil tons, conto de mil formas, de mil textos, de mil gêneros, sempre apto a enlaçar na rede da simplificação os espíritos que se assustam com a longa estrada da procura. No fundo, o conhecimento complexo é um rio de muitos braços que se compraz na multiplicação dos seus tentáculos, enquanto que o positivismo é um longo canal tranqüilo e estranho à efervescência da vida.

Mas esses dois gigantes - a complexidade e o positivismo - continuam a se enfrentar numa luta sem trégua, num combate implacável em que corpos teóricos se espalham pelo caminho, numa guerra fratricida carregada de massacres. Se a complexidade sustenta a tolerância epistemológica, o positivismo exige o acerto de contas e expurga os infiéis. Essa tensão num campo de produção intelectual, impiedosa e permanente, gera construção e imobilidade. Por um lado, incita cada setor a avançar, a defender-se, a encontrar novos argumentos. Por outro lado, engessa e apavora os que ainda não encontraram o sangue frio necessário aos confrontos mais duros.

O positivismo estrutura-se em fortalezas edificadas no alto de montes, com belas vistas para os oceanos. Mas desses fortes instalados ao pé das falésias não se deve admirar a fluidez das águas. Ao contrário, deve-se aniquilar a subjetividade do olhar, treinando a vista para a superação da beleza, de modo a alcançar a objetividade da visão cansada. Do alto das torres de observação, cada um precisa enxergar a regularidade, mesmo se esta se encontra apenas no vaivém misterioso das ondas.

A complexidade é o observador, o homem que olha do alto da fortaleza, frágil na sua angústia perpétua diante do incomensurável. Protegido pelas armas, o protetor do território, com os pés nas rochas do fortim, vê todas as suas certezas subi-

rem e descerem com as marés. Vez ou outra, uma lei geral aparece, num contexto específico, para confortá-lo em suas premissas. Mas, com frequência, refletindo sobre o homem, enquanto contempla a natureza, percebe que todas as suas medidas desmancham-se na imensidão azul da ignorância.

O observador complexo não é feito de si mesmo, mas também de si mesmo. A sua matéria é flexível, maleável, eclética, plural, feita de história coletiva e de apropriação individual, de cristalização social e de reconstrução pessoal. O observador olha o mundo com seus olhos, feitos de si e do mundo, dos outros de agora e dos outros que já se foram, do que ficou e do que poderá vir. Só há presente, mas esse tempo de agora bebe num passado em movimento que nunca cessa de molhar o devir.

Edgar Morin, na recente aventura do quinto volume de *O Método*, sintetiza: "Chacun porte en soi une solitude incroyable, une pluralité inouïe, un cosmos insondable" (MORIN, 2001a, p.84) Dessa solidão irreductível, tecida de diversidade e de encontros, nasce a encruzilhada com o universo imaginário, quase real, surreal, mais do que real, ao mesmo tempo construção, percepção e materialidade.

O método é uma semente cuja colheita nunca é certa. Espalhadas as sementes, realizado o cultivo, começa o tempo incerto da esperança, do cuidado, da limpeza, da espera. Planta-se o futuro com os dedos e os dados do presente. Resta aguardar a ajuda do tempo, do clima, da natureza e das técnicas que ajudam o semeador a metodicamente sonhar com a fartura, a festa, o fruto. Mas, no caminho, pode estar a fatalidade. O método é sempre cultura.

Não se pode esperar do método a multiplicação pura e simples dos frutos. Contudo, é possível apostar no método como negociação com a terra. O método aduba, recorta, estimula, questiona, alerta, incentiva, floresce, inventa motivos, faz resplandecer a planta e a erva daninha. No método há recorrência e perplexidade. Com a primeira se faz o mesmo para o nascimento do novo, sempre velho mas renovado; com a última se mostra o espanto da "natureza da natureza".

## 1 - POESIA E MÉTODO

A leitura exaustiva dos cinco volumes de *O Método*, de Edgar Morin, associada ao exame de um livro consagrado de Paul Feyerabend, *Contra o Método*, permite ilações de todos os tipos, mas principalmente uma: a da impossibilidade do método. Se Feyerabend é explícito na sua formulação, Morin não fica atrás, embora prefira uma fórmula que privilegia o afirmativo em detrimento da negação.

Feyerabend trabalha na descontinuidade, valorizando o acaso, o imprevisível, o caos, a criatividade. Para ele, o "tudo vale" metodológico é um estímulo à ruptura, ao choque perceptivo, ao estranhamento radical e inovador. Feyerabend defende um ecletismo absoluto, relativista, poético, caudaloso e sem medo da força das palavras. O maior inimigo do seu "anarquismo epistemológico" é o mesmo da complexidade: o positivismo.

O positivismo é uma máscara do despotismo, uma espécie de barbárie sob a forma de princípios metodológicos. Mais do que uma carta epistemológica, o positivismo é uma visão de mundo marcada pela vertigem da unidade, da pureza, do unívoco e da monocausalidade. Como um Estado totalitário e violento, o positivismo doutrina e impõe, cerca e controla, vigia e pune, simplifica e regulamenta, legisla e decide, fiscaliza e condena. Como um Estado primitivo e autoritário, utiliza a inovação tecnológica para atualizar velhas concepções filosóficas.

Para o positivismo, o método é uma certeza, um caminho, um mapa e um fim. Aplicado corretamente, o método leva ao bom porto, garante o desembarque e organiza a conquista do novo território. Exige apenas um exército de bons soldados capazes de fazer as mesmas questões para que surjam as mesmas respostas. De certo modo, o positivismo está fora do campo do conhecimento por não suportar o desconhecimento. Diante de uma mata fechada, por onde só se passará graças à abertura de uma picada, o positivista não pensa jamais no imprevisível. Já a complexidade implica somente explicitar o método que permitiu abrir o coração da mata quando esta já se encontra às costas dos desbravadores.

A complexidade é como uma torrente que não se constringe com os obstáculos. Integra, costura, mistura, amplia e compreende. Compreender, como se sabe, é uma operação cognitiva e empática que pega tudo em conjunto, fazendo da totalidade aberta um circuito de assimilação e de amplificação. No positivismo, tudo desaparece e morre. Na complexidade, tudo ecoa e reverbera. A absorção deixa rastros. Estes servem de pistas para o encontro com o inesperado.

Se o positivismo cultua a religião da unidade, a complexidade se alimenta do diverso, do plural, do múltiplo, das redes abertas e infinitas, do delírio, do mito, da imaginação, da criação e do ensaio. A complexidade é navegação em plena bruma, sem que o nevoeiro seja apenas o perigo, mas também o mistério. Segredo por onde, de repente, passa a luz do sol que ilumina, aquece e desvenda. O positivismo sofre com as analogias e adoce com as metáforas. A complexidade exulta com a poesia e cresce em função da pujança das palavras.

De maneira esquemática, logo pouco complexa, mas ainda assim didática, pode-se sugerir que o positivismo é sempre metódico e prosaico. Já a complexidade é sempre libertária em termos de métodos e poética. O positivismo mostra o caminho da verdade. A complexidade sugere a verdade do caminho. Para o positivismo, só a verdade é caminho. Para a complexidade, só o caminho é verdade; uma verdade feita de trânsito, de bifurcações, de veredas, de igarapés, de atalhos e de prolongações.

Em *La Méthode 5 - L'humanité de l'humanité - l'identité humaine*, Edgar Morin enumera algumas possibilidades de emergência da poesia, entre as quais a ciência: "*La science elle-même apporte sa poésie propre. Lautréamont a chanté la beauté des mathématiques sévères. Le cosmos qu'a révélé l'astrophysique de la fin du XXe siècle est rendu à la poésie au même temps qu'au mystère*" (MORIN, 2001a, p. 127).

A poesia no conhecimento é o outro nome da imaginação no processo de formulação do saber. Significa que se conhece também pela arte, pelos sentimentos, pelas contradições, pelos paradoxos, pela síntese característica do gênio artístico. Há muito método na arte, mesmo quando esta se apresenta

como o resultado do trabalho de mentes intuitivas e aparentemente desorganizadas. Por trás dessa impenitência, há uma obra de observação, de organização, de sedimentação e de narrativa extraordinária.

A poesia no método é também a aceitação de que não há metodologia definitiva, de que não há método pronto, de que não há pureza metodológica. Durante muito tempo, no âmbito acadêmico, se condenou a mestiçagem cultural, a mescla de referências, a conciliação dos inconciliáveis. Hoje, apesar do espectro sempre robusto do positivismo rondando o campo científico, a antropofagia já pode figurar na ceia da pesquisa universitária.

Método e poesia são antes de tudo um oxímoro; portanto, podem e devem andar juntos, ainda que se mostrem, na base, quase antinomias. A disjunção método/poesia deriva de uma operação cartesiana que fez seu tempo. A poesia é o caminho do método na longa jornada da narração da prosa da ciência. Palavras? Atitudes. Assim como Balzac foi tão ou mais longe do que Marx na leitura da alma social do século XIX, a compreensão do século XXI exige um pesquisador/poeta.

## 2 - SEM NORTE

O positivista acredita na via real, no caminho central, na rua de mão única, na via principal. Tudo para ele pode ser medido por instrumentos. Navegar e viver parecem-lhe atividades precisas, matemáticas, controláveis por computador. O neopositivista sofisticada essa pobre metáfora ancorando-se na sofística da técnica como operador neutro e decisivo.

O pesquisador/poeta da complexidade e do anarquismo epistemológico confia/desconfiando da sua bússola e sabe que cada via principal é cortada por "plurianéis" cujas saídas desembocam em tantos outros caminhos que só se pode chamá-los de pluricaminhos. Não há estrada sem desvio. Não há pista sem desvão. A própria história desdenha a teleologia e esmera-se nas bifurcações. É o próprio Morin (2001a, p.198) quem diz, neste "humanidade da humanidade" feito de recorrência e de bifur-

cações: *"L'histoire s'avance, non de façon frontale, comme un fleuve majestueux, mais par déviations que suscitent des événements externes ou internes. C'est un cours sans cesse perturbé, modifié et contrarié"*.

A impossibilidade do método, no caso, está longe de ser uma recusa do rigor ou um abandono da orientação. Mais do que um desleixo, trata-se de uma incorporação. Em lugar de proceder por exclusão, opta-se pela conjunção. Se método significa conhecer o caminho de antemão, então só há método a posteriori, só há relato metodológico depois da caminhada concluída.

Método não pode ser camisa-de-força. Em busca de um Norte preciso, com frequência, a pesquisa acadêmica escolheu o formato à forma, a formatação à formação, o formão ao cinzel. Desdenhou-se, muitas vezes, a criação em favor da repetição. Preferiu-se saber menos para não se correr o risco de errar mais. Aceitou-se restringir muito para não se sair dos poucos excessos. Disso resultou um hipertexto redundante em que as múltiplas vozes do discurso entoam o mesmo cântico ao já visto, num refrão tranquilizador e dormiente rotulado pomposamente de "método".

Como o caminhante desnordeado, o pesquisador/poeta marcha na noite escura, vez ou outra iluminada por estrelas, vez ou outra rasgada pelo clarão da lua, rumo ao Oriente das novidades. Foge das conquistas fálicas e verticais. Empenha-se na descoberta de um saber feminino, culturalmente feminino, antes de banhar-se na doçura da ambigüidade, no suave balanço da ambivalência, na brisa perfumada do além-mar.

Ter método é saber correr riscos, saborear o risco de correr riscos, arriscar a certeza na roleta do imprevisível. Edgar Morin, ao longo dos cinco tomos já publicado do seu *Método*, preconiza a "liberdade de espírito". Esta se fortalece com a curiosidade permanente para além dos muros prescritos e mais a "capacidade de aprender por si mesmo", a "aptidão para problematizar", a "prática de estratégias cognitivas", a "possibilidade de verificar e de eliminar o erro", a "invenção e a criação", a "consciência reflexiva" e, enfim, a "consciência moral" (MORIN, 2001a, p.261).

A complexidade do método está justamente em reconhecer a existência e o valor, por exemplo, dos mitos e das crenças sem, contudo, aceitá-los como imposição. O pesquisador/poeta é um sujeito da interrogação que problematiza, confere, reflete, conscientiza, mas que também inventa e cria. O maior déficit das ciências sociais contemporâneas, provavelmente, encontra-se na invenção e na criação.

O trabalho acadêmico acha-se amordaçado, preso a mil amarras ditas metodológicas, cujas bases lógicas nem sempre passam no teste da necessidade e da racionalidade, sobrevivendo como fetiches da norma ou simplesmente como formas de poder a serviço da distinção social dentro de um campo de consagração profissional. A grandeza do método tem sido reduzida à pequenez das formas de catalogação e de registro. Por trás do elogio ao rigor, escondem-se a burocracia e o administrativo.

Condenado por sua imprecisão, o ensaio sobrevive nas margens da prática científica. Entretanto, os textos que recebem o aval das instâncias normativas há muito desistiram da possibilidade da reinvenção da forma. Por quê? Porque os pesquisadores/prosaicos foram convencidos de um mito, no sentido mais plano do termo, o da verdade estranha à forma, ou, por outro lado, da verdade que se ajusta a uma única forma.

A primeira descoberta a ser feita pelo candidato a pesquisador/poeta é bastante simples: todo trabalho científico é uma narrativa, tanto quanto o romance, embora com suas próprias regras, que devem ser tão passíveis de mudança quanto as do romance. Isso não quer dizer que toda mudança formal no romance se impõe. A mudança se faz a partir de infinitos fracassos. O método é, antes de tudo, o caminho da mudança.

A tarefa do investigador não é de confirmar um método, mas de fazer emergir um conhecimento. Para isso, recorre a meios, a instrumentos, que não são neutros e, portanto, incidem sobre a descoberta. Mas isso não pode resultar no oposto: a transformação do meio em fim, a sujeição da finalidade ao meio, a dominação do conhecimento pela metodologia de construção do saber. Todo método é descartável. Para

que isso ocorra, basta que a natureza da investigação exija outras ferramentas de iluminação do produto bruto ainda imerso no desconhecimento.

Uma das possibilidades do método, em ciências sociais, é a de fazer emergir as tecnologias do imaginário, ou seja, os dispositivos de construção do patrimônio imagético-simbólico-espiritual mobilizador e produtor de sentido. O pesquisador/poeta das tecnologias do imaginário tece narrativas do vivido, em busca da identificação da "atmosfera social" de uma época.

A impossibilidade do método, como instrumento da certeza necessária, é uma derivação lógica, cujo estatuto não precisa ir além de uma hipótese prospectiva, nutritiva e provisória. Afinal, Edgar Morin encerra o seu quinto método com muitas perguntas, entre as quais esta: "Pourrions-nous un jour 'habiter poétiquement la terre'?" (2001, p.275). Depende do método.

## BIBLIOGRAFIA

FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado (orgs). *Para navegar no século 21, tecnologias do imaginário e cibercultura*, Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2000.

MORIN, Edgar. *La Méthode 5: l'humanité de l'humanité - l'identité humaine*. Paris: Seuil, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Método 1: a natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Método 2: a vida da vida*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Método 3: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Método 4: as idéias, habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulina, 1998.